



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**RETRATOS FEMININOS NAS MISSIVAS DE UM POETA: AS
MULHERES NAS CARTAS DE ÁLVARES DE AZEVEDO**

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza*

Nesta comunicação, trabalho com a correspondência de Álvares de Azevedo e busco apontar o modo como as relações de gênero perpassam o conteúdo das cartas, o relacionamento do poeta com seus interlocutores e as representações que fez das mulheres nestas fontes.

Nascido em São Paulo, cidade da família materna, e criado na Corte, Álvares de Azevedo foi um dos mais marcantes escritores da chamada geração “ultrarromântica” brasileira. Viveu apenas 21 anos (1831-1852), sobre os quais se criaram diversas lendas que desenharam-no, ora como jovem libertino, ora como garoto introspectivo e que morreu virgem. Ambas as representações calcadas na idealização romântica do modelo de jovem poeta sofredor, que fez de sua obra espelho de sua vida.

SOCIABILIDADES

Para analisarmos as cartas, compreendendo a relação com seus interlocutores, devemos levar em conta as redes de sociabilidade nas quais Álvares de Azevedo se

História Cultural

* Mestranda em História Social pela FFLCH-USP

inseria. Neste sentido, compreendemos a noção de sociabilidade de acordo com a definição do historiador francês Jean-François Sirinelli:

“Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente dominantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.”¹

O autor também discorre sobre as redes - pequenos círculos sociais que criam a sociabilidade - nestas, temos linhas de pensamento e tensões subjetivas, por exemplo, a amizade ou o rancor, como formadores e motrizes das sociabilidades. Sirinelli ainda destaca que a noção de sociabilidade também pode ser compreendida na interpenetração do afetivo e do ideológico.

“As ‘redes’ secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclimas’ que caracterizam um microcosmo intelectual particular.”²

Assim, Álvares de Azevedo deve ser inserido no contexto de uma elite letrada, que não possuía título de nobreza, mas frequentava seus círculos. São citados com frequência bailes e *soirées* chamados por condes e marqueses, dentre os quais podemos destacar a Marquesa de Santos (amiga de sua mãe). Trabalhando com a visão do poeta a respeito das mulheres, é importante lembrar que, entre as elites, elas participavam efetivamente da vida social, em bailes, recepções e teatros, podendo flertar e conversar. Neste ponto é interessante lembrar que, para Álvares de Azevedo, uma das marcas do atraso dos Bailes da Concórdia, em São Paulo, era o fato de haver um mestre de sala que escolhia os pares. Assim as moças mais interessantes, ao seu ver, acabavam dançando com os “jovens de 50 ou mais anos”³. Foi sobre as moças com quem conviveu nestes meios, além do familiar, que ele escreveu nas cartas. Esperava-se que mulheres das

¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: René Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 248.

² Ibidem, p. 252.

³ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 26 de maio de 1848. In: _____, *Obra Completa* (org. Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000, p. 790.

camadas dominantes também chamassem atenção por sua cultura e letramento⁴, o que foi utilizado por Álvares de Azevedo como forma de hierarquizar as moças, os bailes e as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, como é notável no seguinte trecho de carta enviada à mãe em 4 de agosto de 1848:

“ir a bailes para dançar com essas bestas minhas patricias, que só abrem a boca para dizer asneiras, acho que é tolice. Não julgue Vmcê. que falo com exageração – a moça, senão a mais bonita, a estatua mais perfeita em tudo, uma Belisária (mineira) é uma estúpida que diz – *nós não sabe dançá prôque, etc*, e contudo é uma beleza, mas...”⁵

É importante destacar que as mulheres da família de Álvares de Azevedo eram letradas, por isso interlocutoras constantes do poeta e que, seguramente, a mãe sabia inglês e francês, pois ao treinar as línguas, o poeta, quando criança, lhe enviava cartinhas nestes idiomas.

Para descortinar as redes de sociabilidade que o envolviam devemos também considerar o meio estudantil de São Paulo, que, apesar de ser uma cidade pequena em comparação ao Rio de Janeiro (a vivência de Álvares de Azevedo é anterior ao ciclo do café), passava por uma grande efervescência cultural, contando com diversas sociedades literárias (Álvares de Azevedo participou de uma delas, a Sociedade Epicureia) e periódicos, nos quais encontramos estudos literários feitos pelo poeta.

Percebemos, neste meio, o grande acesso e busca pela leitura dos mais recentes livros europeus, visíveis na constante citação de autores franceses contemporâneos a Azevedo, como Alfred de Musset e George Sand, e no pedido a sua mãe, em carta de julho de 1849, para que lhe enviasse “La démocratie” de Guizot (o livro foi lançado em janeiro daquele ano na França) e Raphael de Lamartine (também de 1849).

Dentro do campo cultural também é interessante lembrar que, nas cartas, Azevedo define alguns de seus versos como “byronianos”. Comenta ter sido daguerreotipado com uma capa a “Byron” que estava na moda. Constantemente sofrendo com o “Spleen”, descreve sua situação ao amigo Luis: “*O meu viver solitário, fechado só no meu quarto, o mais das vezes lendo sem ler, escrevendo sem ver o que escrevo,*

⁴ Ver: HAHNER: June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky; PEDRO: Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-64

⁵ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 4 de agosto de 1848. In: _____, Op. Cit, p. 805.

cismando sem saber o que cismo.”⁶ Isso nos traz a impressão de uma tristeza “programática”, nem por isso menos sincera.

Politicamente podemos situá-lo em um liberalismo moderado e sua família dentro de um espectro mais conservador. Assim, tentava conciliar suas posições entre o meio estudantil, de tendência liberal, e o familiar, conservador. Esse aspecto pode ser abstraído de uma carta enviada ao pai, após o pronunciamento de um discurso muito elogiado na faculdade. Nela, o poeta nega ser um liberal radical (o que aparentemente desagradaria o pai), afirmando apenas ter defendido, em seu discurso, o cumprimento da constituição, no que tange à universalização da educação básica⁷. Também marca sua posição política o poema que fez em defesa de Pedro Ivo (líder da Revolução Praieira), em que não mostra comungar de todos os seus ideais, mas os considera nobres e, por isso, o revolucionário merecedor do perdão do imperador⁸. Também lembramos que as poucas citações referentes a escravos são feitas com naturalidade e não aponto nenhuma tendência abolicionista.

A ESCRITA DE SI NAS CORRESPONDÊNCIAS

Trabalhando com a correspondência, realizo neste tópico uma breve reflexão sobre as balizas teórico-metodológicas utilizadas a esse respeito no presente texto.

A escrita de si envolve o que Philippe Lejeune definiu como pacto autobiográfico e posteriormente denominou de “pacto de verdade”. Neste, há uma disposição do autor de revelar-se, falando uma verdade sobre si. E, por outra parte, do leitor, de dar crédito a ela, ao lê-la. Este pacto envolveria desde as autobiografias até diários, independentemente da quantidade de leitores a que foi destinada, pois, nem que seja a si mesmo, ela é direcionada a alguém. Então, interpreto que o “pacto” cabe também às cartas, que contam sobre o “eu” do escritor. Lejeune aponta que tais termos foram pensados, partindo do ponto de vista do receptor (leitor), assim considero válidos para este trabalho, pois entendo que, independente das cartas serem verdades absolutas de um real, elas certamente intencionam ser um fragmento dele.

⁶ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 1 de março de 1850. In: _____, Op. Cit. p. 823.

⁷ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 3 de julho de 1850. In: _____, Op. Cit. p. 827.

⁸ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Pedro Ivo. In: _____, Op. Cit. p. 304-306.

“Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer ‘contrato de leitura’, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e sobretudo para ler como quiser. Isso é verdade. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo”⁹

Por isso o autor enfatiza que a autobiografia não é um gênero literário, mas uma prática. Michel Foucault, tratando da escrita de si, lembra-se dela como elemento do “treino de si”, pois, ao se expor na escrita, o emissor realiza um autojulgamento, transformando ações em discurso e também o contrário¹⁰.

Sobre a correspondência, especificamente, o filósofo lembra que “a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe”¹¹ e ressalta que a carta é uma certa maneira de “apresentar-se ao outro” e assim, “fazer-se presente”, mesmo à distância.

Dando temporalidade ao tema, Peter Gay dedica um capítulo de *A experiência burguesa. Da rainha vitória a Freud*, à escrita de si, tratando da correspondência e dos diários, práticas há muito existentes, mas que ganharam amplitude no século XIX, com o culto à sensibilidade que, antes restrito ao mundo feminino, torna-se matéria-prima de homens e mulheres românticos. O autor enfatiza a tendência a valorizar uma escrita próxima da linguagem oral, mas lembra que, desde Cícero, este traço é recomendado na epistolografia, afirmando que “O que distingue a correspondência vitoriana, portanto, era menos o espírito do que a quantidade”¹². Ao tratar do conteúdo, lembra que os assuntos serão ampliados, passando do rotineiro ao íntimo, do público ao privado, principalmente nas cartas enviadas no círculo familiar. Referências ao cuidado com a

⁹ LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico 25 anos depois. In: _____, *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.73.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____, *O que é um autor*. Lisboa: Passagens, 1997. p.134

¹¹ Ibidem, p.149.

¹² GAY, Peter. *A experiência Burguesa. Da Rainha vitória a Freud. O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.342.

privacidade exposta nas cartas são comuns a exemplo da frequente utilização da ideia de que ela fosse queimada depois de lida.

Teresa Malatian, em *Cartas: narrador, registro e arquivo*, lembra a dimensão educativa da carta na interiorização dos valores burgueses, sendo elas, de certa forma, parte das regras de etiqueta do século XIX¹³. Enfatiza como crucial para sua popularização a alfabetização das mulheres, que se corresponderão amplamente no período. Mas ressalva que, apesar da aparente intimidade, as cartas eram escritas conforme regras de boas maneiras, numa “imagem pessoal codificada” e, então, se ampara na leitura de Bourdieu de que as cartas fazem parte de um *habitus*¹⁴. Por fim, lembra ao historiador que ao analisar as cartas deve-se levar em consideração o “*Caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar nesses documentos a expressão e a contração do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e principalmente de práticas culturais*”¹⁵

CORRESPONDÊNCIA

O *corpus* documental desta pesquisa é composto por 71 cartas e bilhetes, escritos entre 1840 e 1851. Podemos dividi-las em três blocos:

O primeiro, composto por correspondências escritas entre 1840 e 1843, quando o poeta estudou na escola Stoll, contém 13 bilhetes infantis, nelas podemos encontrar um caráter até pedagógico, visto que algumas destas cartas eram escritas em inglês e francês, idiomas nos quais Azevedo dava os primeiros passos.

O segundo é formado por 4 cartas escritas entre 1844-1845, período em que Azevedo foi aprimorar seus conhecimentos de Inglês, Francês e Latim em São Paulo e morou junto à família materna.

O terceiro é constituído por cartas escritas entre 1848 e 1851, período em que estudou na Faculdade do Largo São Francisco. Nelas, contou o seu cotidiano, as novidades, fez reclamações da cidade, compartilhou suas aflições e mostrou trechos de poesias. A maior parte foi enviada à mãe. Conhecemos apenas duas cartas enviadas ao

¹³ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p.196.

¹⁴ Ibidem, p.201.

¹⁵ Ibidem, p.204.

pai, oito ao melhor amigo Luís Antônio da Silva Nunes¹⁶, uma à irmã e uma ao primo e editor de suas primeiras obras póstumas, Jacy Monteiro.

Ao lidar com essa documentação, devemos considerar que não temos acesso à correspondência passiva o que torna a compreensão do diálogo e das relações entre os correspondentes limitadas, visto que grande quantidade dela é escrita em tom de resposta. Nas cartas a Luís Antonio temos diversos trechos pontilhados, indicando que foram cortados pelo receptor antes de torná-las públicas em 1862 (É importante lembrarmos que o poema *Conde Lopo*, enviado somente a este amigo, foi publicado apenas em 1886, mais de 30 anos após a morte do poeta). Também tomamos conhecimento, com a leitura das cartas que temos acesso, da existência de outras enviadas ao pai e às irmãs, além de mais algumas a Luis Antonio e à mãe, perdidas ou ocultadas. A sobrevivência destas nos traz a questão, já clássica, colocada por Jacques Le Goff aos historiadores, em *Documento/Monumento*: quando realizamos a crítica ao documento, também devemos refletir sobre quais decisões foram tomadas para aquele fragmento da realidade ter sido preservado em detrimento de tantos outros¹⁷.

Entendemos também que ao registrar esses pensamentos na correspondência o poeta empreendeu a construção de uma imagem de si próprio e de seu meio que considerou válida de ser compartilhada. E que, se estas cartas trazem uma percepção sobre Álvares de Azevedo, esta faz parte de uma escolha de seus parentes e amigos próximos, o que não a torna uma fonte menos rica se objetivamos nos debruçar sobre o olhar a respeito das mulheres, passível de ser encontrado dentro de determinada sociabilidade e passível de ser divulgado.

Podemos observar, apesar dos cortes e da existência de cartas as quais não temos acesso, uma relação de forte intimidade entre Álvares de Azevedo e Luís Antonio, visto que o poeta lhe enviou versos que escolhe não mostrar para os colegas de São Paulo, descreveu fantasias a respeito de mulheres imaginadas, faz comentários sobre mulheres de sua convivência e lamentou o possível sofrimento de sua mãe ao vê-lo triste. Em alguns

¹⁶ Natural do Rio Grande do Sul, viveu entre 1830-1911, estudou na mesma época que Álvares de Azevedo no Colégio D. Pedro II e voltou para sua terra natal. Em 1850, começou a cursar Direito em São Paulo, onde residiu na mesma república que o poeta. Contudo, se formou em Pernambuco e construiu uma carreira política no Nordeste, onde presidiu as províncias da Paraíba e da Bahia. Casou-se com a filha de um Marquês.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: Memória-História. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2013, p. 485-499.

trechos também podemos ver insinuada a possibilidade de uma relação homoafetiva entre os dois, junto com o desejo não realizado do poeta de amar uma mulher. Ressalvamos que eram comuns, no período, declarações entusiasmadas de afeto entre amigos, como é notável na correspondência de Gonçalves Dias ao amigo Theofilo, também na década de 1840; contudo, mesmo sendo em quantidade muito maior, não vemos declarações tão ardentes quanto as de Álvares de Azevedo, que chegou a afirmar “te amo e ama-me” e lamentou a falta da possibilidade de “tatear” àquele que lhe fazia falta, ou seja, Luís. Seguem alguns trechos da carta de 1 de março de 1850, nos quais me baseio para interpretar a relação entre esses interlocutores (escolhi esta carta por ser, aparentemente, a que recebeu menos cortes, embora eles existam):

“não iras pois a São Paulo comigo. Dois anos tive eu lá como provação: era-me o consolo, esperança (ai! Que bem pobre esperança que assim tão leviana se foi!) viver lá contigo..

Luís, há aí não sei quê no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. Será mentira, uma dessas gotas de fel que se embebem no cérebro com uma loucura? – ou um pressentimento – negro embora – verdadeiro, como o primeiro pio da procelária aos prelúdios do vendaval por mar alto?

(...)

Adeus, meu Luís. A beleza do espiritualismo é o amor das almas, essa afinção que as palpita uníssonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam à matéria não tateiam mais o objeto que se ama. Adeus. Assim como eu te amo, ama-me. Não esqueças entre tuas campinas do Rio Grande, ao riso de lábio rosa onde se desvelam pérolas, das tuas patrícias belas.

O teu amigo:

Azevedo”¹⁸

Não temos como objetivo, neste estudo, debater a possível homossexualidade ou bissexualidade de Álvares Azevedo; contudo, se buscamos discutir a representação de gênero através da correspondência, precisamos levar em consideração quais os tipos de relações mantidas com o correspondente. Há diferenças nas formas de descrever as mulheres e o dia-a-dia nas cartas à mãe e ao amigo. Assim, deduzimos que o tipo de sentimento que nutria pelo amigo, também influenciou sua percepção e sua descrição a respeito das mulheres. Dessa forma, concordamos com a leitura de Michel Foucault ao tratar da reciprocidade da carta:

¹⁸ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 1 de março de 1850. In: _____, Op. Cit. p. 822-4.

“Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo a carta proporciona um face-a-face”¹⁹

Nas cartas enviadas à mãe observamos uma grande preocupação em falar do círculo social que frequentava, contando novidades sobre os conhecidos, ora elogiosos, ora fortemente sarcásticos. As reclamações de São Paulo também dão a tônica, chegando a serem repetitivas (ainda que com menos intensidade elas também aparecem nas cartas a Luís). À mãe também pede notícias dos outros membros da família, comenta as cartas enviadas a eles e reclama mais cartas da irmã Nhanhã. Podemos notar, assim como nas cartas a Luís, um tom fortemente sentimental, que não se repete nas cartas ao pai. É particular nessa correspondência as reclamações em momentos de discordância, como quando responde à mãe, que aparentemente reclamou de sua letra, que a falta de beleza dela é herança familiar, ou no seguinte trecho, respondendo a uma provável reprimenda por seu exagero sentimental:

“recebi as suas duas cartas de 28 de setembro e 8 de outubro.

Agradeço-lhe as muito. Especialmente a do mês passado, onde tão letradamente e de um modo tão valer, com um risinho inteiramente mefistofélico, Mmcê. Tra o meu spleenético sentimentalismo...

A sua cartinha é uma contradição – muito bonita, é verdade, muito floreada, muito poética – dessa poesia à Don Juan e à Faust, que ri de tudo, em cuja lira cada vibrar estremece estrídulo como uma gargalhada, em cujos lábios cada canto se desfaz numa ironia.”²⁰

Das cartas enviadas ao pai, temos uma sobre seu aniversário de 18 anos, em que agradece os votos do pai e reclama da vida insípida de São Paulo²¹, mas de maneira mais comedida do que na carta do mesmo dia enviada à mãe, e outra com temática política, já citada. Nas cartas à mãe só podemos ver preocupação política/social ao reclamar da parcialidade do chefe de polícia, que não pune os “cacetistas”, mas é duro com os estudantes²². Nas cartas a Luís não vemos nenhuma preocupação política ou social.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p.150.

²⁰ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 14 de agosto de 1849. In: _____, Op. Cit. p. 821.

²¹ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 19 de setembro de 1849. In: _____, Op. Cit. p. 817.

²² AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 19 de junho de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 796.

Na carta enviada a Jacy Monteiro temos uma projeção de gastos, visando um projeto de escreverem um jornal, destacando uma linguagem cordial e informal, mas sem arroubos sentimentais.

MULHERES REPRESENTADAS

Mãe: é delineada como uma mulher culta, com quem podia, inclusive, reclamar da falta de cultura de outras mulheres. Preocupada e zelosa com o filho. É vista com uma capacidade natural, por ser mãe, de entendê-lo, como vemos neste trecho:

Vão aí uns versos bem toscos e bem mal torneados, bem maus, talvez; e se algum merecimento têm eles é serem escritos do coração, e não a martelo. Peço-lhe que os não divulgue. Vmcê. há de entendê-los; o coração materno tem uma segunda vista instintiva que adivinha; haveis de compreendê-los, como eu os escrevi – e desculpareis a rudeza da execução e o desalinho.²³

Não há descrições de sua aparência física, mas encontramos referências ao seu bom gosto no vestir-se. Frequenta constantemente os grandes salões.

Nhanhã: irmã, tem uma relação de proximidade com o poeta, tendo em vista a frequência da comunicação. Ainda assim o seu cotidiano é visto como menos importante que o dos homens, como percebemos nesta carta à mãe:

Diga a Nhanhã que eu pretendia escrever-lhe, mas que como é tão preguiçosa de escrever, talvez seja também de ler e como tem tantos TRABALHOS v. g. ir aos bailes, ao teatro, pentear-se, etc, cousas que reconheço essenciais e trabalhosíssimas pode ser que não tivesse tempo para ler a carta. Se a desculpa é má será sempre melhor que qualquer pretexto que ela tenha de mandar-me. Contudo dê-lhe um abraço que lhe manda o seu irmão e diga-lhe que não se esqueça dele.²⁴

Avó: paulista, preocupada com a família, representando valores antigos reclama do Rio de Janeiro e tem sua fala reproduzida pelo poeta em carta à mãe.

A propósito de vovó – ela veio lá do Rio toda zangada pela falta de religião e tem espalhado por aí que lá em casa não se vai a Missa, mas a bailes, em lugar de rezas se decoram poesias, etc, etc, etc.²⁵

²³ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 4 de agosto de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 805.

²⁴ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 19 de junho de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 796.

²⁵ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 16 de maio de 1848. In: _____, Op. Cit.p. 792.

Tia Maria Francisca: Em oposição aos cuidados da mãe, tidos como naturais, temos tia Maria Francisca, considerada louca pelo poeta, por maltratar o filho, atitude que causa preocupação na avó:

Tia Maria Francisca, que pelos atos que me narrou minha avó, está louca varrida. O primo tem mostrado quanta é a sua pachorra. - Numa dessas noites frias, fê-lo Tia Maria Francisca dormir numa rede, sem um cobertor!...²⁶

Prima Iaia: Paulista, recebe uma descrição negativa. Na primeira carta em que aparece, Álvares de Azevedo reclama de seu “mutismo” que faz com q somente murmure bom dia” ou “adeus”.²⁷

Escrava Joana: citada em um carta como causadora de problemas no lar de Iaia, a quem já havia criticado.

Enquanto ao negócio de Iaiá sobre o qual Vmcê. me pede confirmação – já lhe mandei dizer há muito tempo que estavam reconciliados. – a cauda da *revolução* dos seus lares, que há muito tempo que não está lá, mas uma preta Joana. Porém com a despedida dela pela prima, romperam as hostilidades.²⁸

Mulheres de São Paulo: na maior parte das vezes são descritas como “incultas”, mesmo quando têm sua beleza constatada. Destaca que as moças mais interessantes da cidade não são de lá, mas sim santistas e mineiras. Duas famílias são mais representadas, as Milliets (filhas do cônsul francês), sendo a mais velha descrita como muito bonita e possuidora de uma “língua ferina” (ela coloca uma alcunho no tio de Azevedo) e as Xavieres, que claramente têm relação com sua família, visto que Álvares Azevedo pede notícias de um baile do Rio de Janeiro à irmã para contar a elas. Em carta ao amigo Luís comenta de duas moças que lhe chamam a atenção, mas que não lhe causam amor, e falando sobre a beleza de uma delas afirma: *A Q... parece uma santa; e não poderia eu sentir amor por ela: às santas adora-se, mas não ama-se.*²⁹ Também cita com frequência a Marquesa de Santos, amiga de sua mãe e após um baile ele faz comentários críticos sobre o excesso no seu vestuário.

²⁶ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 29 de julho de 1849. In: _____, Op. Cit. p. 814.

²⁷ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 19 de abril de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 786.

²⁸ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 12 de maio de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 788.

²⁹ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 11 de maio de 1848. In: _____, Op. Cit. p. 787.

Mulheres imaginadas: são descritas com forte apelo sexual e colocadas como possibilidade de sair de seu estado de tristeza (carta a Luís):

Parece que se aquela beleza de olhos e cabelos negros, de largo colo, que lhe flutuam, desatasse com seus dedos macios e finos aquelas sedas do roupão... se eu aí repousasse a febre da fronte que me dói, esse queimar de um cérebro que me afoga, eu poderia ainda ter vida bastante para desvivê-la aí no voluptuoso de um espasmo, para morrer aí na loucura de um sonho de beijos... E quando, ante uma forma alva de loura, na limpidez de uns olhos transparentes e azuis como o mar, eu leio o que vai de pureza, o que há de areias d'ouro sob aquele esmalte diáfano de vaga, então, como Faust de Goethe na alcova de Margarida, há uns eflúvios magnéticos que me avivam o já morto palpitar de minhas fibras, oh! Então eu espero ainda...

Mas, em geral, o que às vezes ainda me aviva o pulsar mais trépido do sangue é a voluptuosidade que se me vislumbra numa mulher donairoza, numa daquelas que parecem feitas por Deus como estátuas para rezar-se-lhes ao sopé, para pedir-lhes, como a Vênus lasciva, uma hora – uma hora de gozo.³⁰

Como representações gerais observamos as idades das mulheres descritas, sendo que até os 14 anos são vistas como “meninas” pelo poeta, mas ele refere-se aos 16 anos como uma idade apropriada para casar. Sobre as roupas, espera que elas se vistam bem, mas sem excessos. E as outras qualidades que admira são: cantar e dançar bem, ter ânimo, conversar.

CONCLUSÃO

Lembramos que a maior parte da correspondência estudada foi escrita por um homem, mas enviada a uma mulher, sua mãe, que, aparentemente, lhe respondia dando conselhos e demonstrando preocupação. Assim, podemos observar o anseio por uma relação de cumplicidade e reciprocidade com as mulheres se seu convívio familiar (a mãe e a irmã). Ao escrever sobre a irmã, o poeta a reconhece como alguém que deve receber sua atenção, mas também é nítido que se vê com superioridade em relação a ela, que não tem trabalhos sérios a fazer, como ele, que estuda direito.

A relação com a mãe, apesar de íntima, também é marcada por uma visão de naturalização do amor materno, e assim, observamos o elemento de gênero estruturando

³⁰ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 1 de março de 1850. In: _____, Op. Cit. p. 823-4.

as relações expressas na correspondência, evidenciada principalmente no contraste do que é escrito para o pai.

A Luís dedica suas cartas mais íntimas tratando inclusive sobre seus desejos sexuais e afetivos, além de demonstrar um profundo sentimento de amor e amizade. Diferentemente da irmã a quem vê com “gentil” inferioridade e do pai, superior, o tratamento resguardado ao amigo é igualitário, assim, percebemos que parte deste equilíbrio é definido por uma identificação de gênero e etária.

Nas representações notamos que, ao imaginar as mulheres que seriam desejáveis por ele, temos descrições marcadas pelo aspecto físico; mas, ao tratar das mulheres reais, se apoia, principalmente, nas características intelectuais (o que também se altera de acordo com o interlocutor). Assim, inicialmente podemos dizer que, apesar de reiterar um discurso em que o homem prevalece sobre a mulher, notamos o anseio por uma mulher que pudesse de certa forma ser também um sujeito ativo no diálogo com o homem. A mulher ideal deve ser intelectualizada, passo que a ignorante é desprezada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. In: _____, *Obra Completa* (org. Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____, *O que é um autor*. Lisboa: Passagens, 1997. P.129-160.

GAY, Peter. *A experiência Burguesa*. Da Rainha vitória a Freud. O coração desvelado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HAHNER: June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky; PEDRO: Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 43-64.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Memória-História*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2013, p. 485-499.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico 25 anos depois. In: _____, *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. P.70-85

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. P. 195-221.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: René Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 231-269.

